

ENTREVISTA

“Devíamos transformar as cidades em zonas 30”

João Dias

Prof. Instituto Superior Técnico



Os dados de 2019 são positivos?

São positivos no que respeita a vítimas mortais, mas estou muito preocupado com o aumento dos feridos. As vítimas mais graves, normalmente, não são os mortos, mas os feridos graves. Um tetraplégico que vive 30 ou 50 anos numa cadeira de rodas é um problema mais grave para a sociedade do que uma pessoa que morre. Houve mais 173 feridos graves e 1800 feridos leves. O problema não está nas estradas nem nos veículos: está no comportamento dos condutores.

No excesso de velocidade e álcool?

Sim. Preocupam-me em particular os motociclos, em que o fator velocidade está presente. Entre 2018 e 2019, houve mais 11% de motos em circulação e as vítimas mortais cresceram na proporção, 10%. Mas houve mais 35% de feridos graves e 17,7% feridos leves.

Mais grave nas de 125 centímetros cúbicos (cc) ou nas de maior cilindrada?

O problema está nas cilindradas maiores, os condutores de 125cc são mais cuidadosos do que os de motos desportivas. Vejo motos a passar entre os carros a 120 ou 150 quilómetros por hora (km/h). É suicida! Não há respeito pelas regras.

Os atropelamentos continuam um problema grave. Como o reduzir?

É muito simples. Em Berlim, quase todas as ruas têm um limite de 30 km/h e é cumprido. Quando alguém é atropelado numa zona 30, o condutor tem que justificar muito bem. Paris vai ter um limite geral de 30, Bruxelas também. A tendência europeia é para reduzir.

Já existem zonas 30. Não chega?

A este ritmo, vai demorar décadas, vão morrer centenas ou milhares de pessoas. De um dia para o outro, devíamos transformar as cidades em zonas 30. E é preciso fiscalizar. Os radares nas autoestradas são necessários, mas não vejo a polícia nas cidades, com binóculos de controlo de velocidade, que existem em toda a Europa. ALEXANDRA FIGUEIRA